

“HONRAR PAI E MÃE”: A INTERTEXTUALIDADE NUM ARTIGO DE OPINIÃO DE LYA LUFT

"HONOR FATHER AND MOTHER": THE INTERTEXTUALITY IN AN ARTICLE OF VIEW OF LYA LUFT

Valdulce Ribeiro Cruz Sousa

Mestra em Letras/Universidade Federal do Piauí

E-mail: valdulcesousa@hotmail.com

Teresina, Piauí, Brasil

Pedro Rodrigues Magalhães Neto*

Doutor em Letras/Universidade Federal de Pernambuco

Professor da Universidade Estadual do Piauí

E-mail: pedrormneto@bol.com.br

Teresina, Piauí, Brasil

*Endereço: Pedro Rodrigues Magalhães Neto

Universidade Estadual do Piauí, Rua João Cabral - Pirajá, Teresina, Piauí, Brasil, CEP: 64002-150.

Editora-chefe: Dra. Marlene Araújo de Carvalho/Faculdade Santo Agostinho

Artigo recebido em 28/02/2014. Última versão recebida em 19/03/2014. Aprovado em 20/03/2014.

Avaliado pelo sistema Triple Review: a) Desk Review pela Editora-Chefe; e b) Double Blind Review (avaliação cega por dois avaliadores da área).

RESUMO

O objetivo deste artigo é analisar as marcas intertextuais, à luz da Linguística de Texto, na construção do artigo de opinião *Honrar Pai e Mãe*, da escritora Lya Luft. Para tanto, toma-se como fundamento a concepção de “intertextualidade restrita” de Genette (1982 apud KOCH ET AL, 2007), que se define pelas relações de co-presença entre textos. Os resultados da análise permitem a constatação de marcas efetivas de vários textos na construção dos sentidos do referido artigo de opinião, indicadas pelas citações com aspas, citações sem aspas, além da retomada de fragmentos de textos da própria autora (embora, fazendo citação de outrem) e de alusão a vozes que partilham um mesmo conhecimento cultural. O dizer sobre o dizer é explicitamente marcado neste artigo, possibilitando assim uma análise da intertextualidade restrita de Genette.

Palavras-chave: Intertextualidade. Artigo de opinião. Construção de sentido.

ABSTRACT

The objective of this article is to analyze the intertextual brands, focusing the Linguistic Text, in the construction of the opinion article “Honoring Father and Mother”, by the writer Lya Luft. To do this, the conception of “restrict intertextuality” by Genette (1982 apud KOCH et al., 2007), which it is defined by the relationships of co-presence between texts, is taken as the groundwork. The results of the analysis allow the finding of effective brands of several texts in the construction of the senses of the opinion article, indicated by references with quotes, references without quotes, besides the resumption of text fragments of the authoress herself (although, doing others references) and the allusion of voices that sharing the same cultural knowledge. the mean about the mean is explicitly branded in this article, enabling a Genette restricted intertextuality analysis.

Keywords: Intertextuality. Opinion article. Sense construction.

1 INTRODUÇÃO

O objetivo deste artigo é analisar, sob a ótica da Linguística de Texto, a intertextualidade no artigo de opinião *Honrar Pai e Mãe*, da escritora Lya Luft, publicado na revista VEJA de 11 de junho de 2008. Esse artigo de opinião tem como tema a educação familiar na sociedade contemporânea, encetando uma discussão a partir de um enunciado bíblico universalmente conhecido e comum a judeus, cristãos e muçulmanos. Ou seja, Lya Luft recorre ao 6º mandamento da Lei de Deus, Honrar pai e mãe, para ancorar a discussão da temática referida. Por ser um enunciado familiar ao povo brasileiro, entende-se que, ao longo do texto, a autora consegue estabelecer um diálogo produtivo com seus leitores, provocando reflexões que os remetem a fazer conexões entre o referido mandamento e as circunstâncias contemporâneas.

Assim sendo, o trabalho de análise do artigo de Lya Luft tem como intenção a captação das vozes presentes no diálogo constitutivo deste texto, considerando-se diálogo, aqui, na concepção bakhtiniana, como a relação entre o enunciado e o que já foi dito antes sobre o mesmo tema.

Dentro dessa perspectiva, busca-se analisar a produção de sentido no discurso escrito, tendo como base a concepção de intertextualidade restrita de Genette (1982 apud KOCH et al., 2007), levando-se em conta a dinamicidade e flexibilidade do discurso que absorve a retomada, a inserção e a modificação enunciativa em um determinado espaço interlocutivo. Nesse aspecto, a intertextualidade restrita, entendida aqui como explícita ou implícita, ao se ancorar em outros textos, presumivelmente de conhecimento do leitor, facilita-lhe a construção do sentido do texto que está sendo lido.

E assim, ressaltando o DITO (elementos verbais), por meio da intertextualidade explícita, bem como o NÃO DITO (inferência), por meio da intertextualidade implícita, o autor propicia ao leitor a possibilidade de compartilhar não só do sentido do texto, porém ainda da sua construção.

Seguindo esta linha de pensamento, o *corpus* deste artigo será analisado, tendo-se como base o que transpõe ao texto, de modo mais específico, dentro da intertextualidade “num sentido reduzido” ou intertextualidade restrita.

Lembrando ainda que a escolha do tema se deu pela sua relevância no contexto social moderno, no qual as relações familiares encontram-se permeadas de conflitos resultantes da ausência de limites não estabelecidos pelos pais.

Para sustentação teórica deste trabalho, foram usados os fundamentos da intertextualidade, segundo a ótica de Genette (1982, apud KOCH et al., 2007), concernente à intertextualidade restrita, Barros (2003), no aspecto ao dialogismo e polifonia, além de Bazerman (2006, 2007) e outros.

A metodologia adotada para a análise deste artigo foi, inicialmente, a realização de várias leituras reflexivas, seguidas da seleção dos trechos pertinentes à referida análise e suas respectivas interpretações.

1.1 Intertextualidade

De acordo com Bazerman (2007), o termo intertextualidade foi utilizado pela primeira vez, em 1980, por Julia Kristeva, em um trabalho sobre teoria literária. Para o autor (2006, p. 88), o termo indica “a relação que cada texto estabelece com outros textos à sua volta”. Tendo surgido dentro dos estudos literários, o termo migrou para os estudos linguísticos, principalmente para a Linguística Textual.

Vale destacar que a partir dessa contribuição teórica, a Linguística Textual toma um grande impulso e passa a estudar o funcionamento da língua nos processos comunicativos, e os textos assumem um caráter interativo social.

Ainda no interior dessa perspectiva, em meados da década de 70, a Psicologia da Linguagem desenvolveu a Teoria dos Atos de Fala e assim, a Linguística Textual busca provar que o texto não é apenas uma atividade escrita, mas também uma atividade não linguística.

Nesse contexto surge a intertextualidade que não se limita apenas à investigação sobre a presença de palavras de um texto dentro de outro texto, como acontece quando há um marcador tipográfico (aspas, negrito ou itálico), mas também em relação ao modo como isso ocorre e com que objetivo tais palavras foram utilizadas.

Para Genette (1982, apud KOCH et al., 2007), os textos dialogam entre si de forma transtextual, isto é, transcende ao texto. E, assim, subclassificou essa transtextualidade em cinco tipos, porém apenas um deles se constitui objeto de estudo desse artigo – a intertextualidade “num sentido reduzido”.

Dessa forma, tem-se, dentro da intertextualidade restrita, segundo Koch (1997, 2004) a intertextualidade explícita e intertextualidade implícita (segundo o critério da expressão ou não da autoria).

Esta primeira categorização de intertextualidade é definida em explícita quando é marcada tipograficamente ou por menção, e implícita quando não está marcada e apenas o leitor é capaz de identificá-la. No primeiro caso, têm-se as aspas, o itálico ou o negrito, conforme já acima citados, como indicadores da apropriação de partes de outro texto com o qual o texto presente se familiariza. O segundo tipo só pode ser identificado pela familiaridade do leitor com os textos discretamente citados.

Em relação à autoria da fonte enunciativa, temos três casos diferentes classificados por ela como: intertexto alheio, intertexto próprio e enunciador genérico. Tem-se o intertexto alheio quando se insere no texto a voz de outro enunciador. Já o intertexto próprio tem sua presença marcada ao se retomar fragmentos de textos do próprio autor. Enquanto o enunciador genérico até utiliza um intertexto alheio, mas não pode ser creditado a um enunciador específico, pois este já está inserido no repertório linguístico de uma comunidade, como é o caso dos provérbios, ditos populares e clichês.

Percebe-se nitidamente que a argumentação exerce um papel fundamental na intertextualidade. Por isto, KOCH (1997, 2004) sugeriu, ainda, outra nomeação para o fenômeno da intertextualidade: intertextualidade das semelhanças (que contém um intertexto próprio ou alheio), utilizado para reforçar o discurso do autor, conferindo-lhe mais autoridade, e que se adequa ao que Maingueneau (1997) chama de valor de captação e intertextualidade das diferenças (um texto absorve outro texto), para expor sua insignificância, sua incoerência ou apenas para controverter, fazendo aqui uma correlação com o que Maingueneau (1997) designou de valor de subversão.

Não se pode deixar de registrar, também, outra classificação de Genette (1982, apud KOCH et al., 2007): a citação, a alusão e o plágio. Para sermos coerentes com a análise do corpus a ser feita nesse artigo, explicitaremos os dois primeiros casos. Na citação, há uma referência explícita, seja por marcas tipográficas ou por um prévio conhecimento do texto concernente. Na alusão, há uma referência implícita, levando o leitor a ativar a memória para localizar o não-dito; entende-se que o leitor seja capaz de compreender o implícito sem a necessidade de marcas materializadas no texto, pois não há a expressão direta do que é supostamente sugerido pelo enunciador.

Em todos os casos mencionados acima, a intertextualidade funciona como um diálogo entre textos pré-existentes e outro que agora é construído simultaneamente pela cumplicidade autor-leitor. Isso vem comprovar que o dialogismo bem como a polifonia são partes constitutivas e indissolúveis da intertextualidade.

Entende-se, aqui, por dialogismo, a propriedade que cada texto possui de se apresentar como uma resposta a um questionamento real ou imaginado. Neste caso, cada texto funciona como uma reação a algo que já foi dito, e pode, ao mesmo tempo, suscitar enunciados futuros, de modo que se percebe uma ligação dialógica de anterioridade e posterioridade em relação a cada enunciado proferido.

Dentro desse conceito de dialogismo, podemos destacar a polifonia, que pode ser entendida como vozes sociais, ou seja, aquelas construídas sócio-historicamente, e que perpassam todo o texto, fazendo com que este nunca seja monofônico, a não ser na aparência. Essas vozes sociais fazem do texto um lugar de disputa discursiva, em que se manifestam diferentes pontos de vista. Alguns são validados, enquanto outros, não.

Ainda, na perspectiva da intertextualidade restrita, vale destacar o gênero Artigo de Opinião que, ao contrário da notícia que busca informar, este busca formar a opinião do leitor.

1.2 Produção de Sentido

Tendo sido visto acima o que é e como se dá a intertextualidade, convém analisar, agora, como esta colabora para a produção do sentido de um texto dado. De acordo com Koch (2008, p.11) “o sentido de um texto é construído na interação texto-sujeitos e não algo que preexistia a essa interação”. Ou seja, o sentido do texto não vem pronto desde sua concepção, algo imposto pelo autor, porém é fruto da relação do leitor com o texto, tendo como base seus conhecimentos de mundo e sua base linguística.

Ainda de acordo com Koch (2008, p.12)

O lugar mesmo de interação- como já dissemos – é o texto cujo sentido “não está lá”, mas é construído, considerando-se, para tanto, as “sinalizações” textuais dadas pelo autor e os conhecimentos do leitor que durante todo processo de leitura, deve assumir uma atitude “responsiva ativa.

Em outras palavras, espera-se que o leitor concorde ou não com as ideias do autor, complete-as, adapte-as etc., uma vez que, para Bakhtin (1992, p. 290) “toda compreensão é prenhe de respostas e, de uma forma ou de outra, forçosamente, a produz”.

De acordo, pois, com o teórico soviético, a leitura pressupõe um diálogo entre o autor e o leitor que leva a construção do sentido do texto e no qual o leitor tem um papel ativo. Ainda de acordo com Koch (2008, p.13), nesse processo de construção de sentido o leitor lança mão de algumas estratégias como: seleção, antecipação, inferência e verificação. Ao

selecionar o texto para leitura, o leitor já espera encontrar nele algo que poderá ser confirmado ou não. Durante a leitura, ele faz suas inferências e verifica se suas expectativas se confirmarão ou se serão refutadas.

Ao comentar a obra de Bakhtin, Barros (2003, p.2) afirma que “o dialogismo é a condição para a construção do sentido”. Não dá para pensar em construção de sentido de um texto, tendo-se como base o velho esquema emissor-mensagem-receptor, pois é do envolvimento do leitor com o texto que este ganha sentido.

É, pois, na perspectiva desse diálogo entre autor e leitor que se dará, a seguir, a análise do artigo escolhido como corpus deste trabalho.

2 O ARTIGO

Conforme os objetivos deste trabalho, analisaremos, na sequência, as marcas da intertextualidade presentes no artigo de Lya Luft, transcrito a seguir:

Ponto de vista: Lya Luft

Honrar pai e mãe

"Pais bonzinhos são tão danosos quanto pais indiferentes: o amor não se compra com presentes, nem fingindo não saber, desviando o olhar quando ele devia estar vigilante"

Se as relações familiares não fossem intrinsecamente complicadas, não existiria o mandamento "Honrarás pai e mãe". Comentário de grande sabedoria. Assunto inesgotável. Como educar, como cuidar neste mundo maravilhoso e tresloucado, com tanta sedução e tanta informação – um mundo no qual, sobretudo na juventude, nem sempre há o necessário discernimento para escolher bem?



Saber distinguir o melhor do pior, ser capaz de observar e argumentar, são o melhor legado que família e escola podem dar. Na família, fica abaixo só do afeto e da segurança emocional. Na escola, importa mais do que o acúmulo de informações e o espaço das brincadeiras, num sistema que aprendeu erroneamente que se deve ensinar como se o aluno não tivesse de aprender. Fora disso, meus caros, não há salvação. Isso e professores supervalorizados e bem pagos, escola para todos – não mais milhões de crianças e jovens em casas cujo pátio é barro misturado a esgoto, ou na rua, com o crack e a prostituição. Um ensino que dê muito e exija bastante: ou caímos na farra e no despreparo para a vida, que inclui graves decisões pessoais e um mercado de trabalho cruel.

Bem antes da escola vem o fundamental, o ambiente em casa, que marca o indivíduo pelo resto de sua jornada. Se esse ambiente for positivo, amoroso, a criança acreditará que amor e harmonia são possíveis, que ela pode ter e construir isso, e fará nesse sentido suas futuras escolhas pessoais. Se o clima for de ressentimento, frieza, mágoas ocultas e desejos negativos, o chão por onde o indivíduo vai caminhar será esburacado. Mais irá tropeçar, mais irá quebrar a cara e escolher para si mesmo o pior.

Dificuldades familiares não têm a ver só com o natural conflito de gerações, mas também com a atitude geral dos pais. Eles têm entre si uma



relação de lealdade, carinho, alegria? São realmente interessados, tentam assumir suas responsabilidades grandes e difíceis? Foi-se o patriarcado, em que havia regras rígidas. Eu não quereria estar na pele dos infratores de então, os filhos que ousavam discordar. Em lugar da anterior rigidez e distância, estabeleceu-se a alegre bagunça, com mais demonstrações de afeto, mais liberdade, mais respeito pelas individualidades – muitas vezes com resultados dramáticos. Lembro a frase que já escrevi nesta coluna, do psicólogo que me revelou: "A maior parte dos jovens perturbados que atendo não tem em casa pai e mãe, tem um gato e uma gatinha". Talvez tenham uma mãe que não troca cabeleireiro e academia por horas de afeto com os filhos, ou um pai que corre atrás do dinheiro necessário para manter a família acima de suas possibilidades, por ilusão sua ou desejo de status de uma mulher frívola.

Crianças de 11 anos freqüentam festinhas em que rola o inenarrável: onde estão pai e mãe? Adolescentezinhos rodam de madrugada pelas ruas, dirigindo bêbados ou drogados: onde estão pai e mãe? Quase crianças passam fins de semana em casas de serra e praia reais ou fictícios, com adultos irresponsáveis ou só entre outras crianças, transando precocemente, drogando-se, engravidando, semeando infelicidade, culpa, desorientação pela vida afora. Onde estão os pais?

Ter filho é talvez a maior fonte de alegria, mas também é ser responsável, ah sim! Nisso sou rigorosa e pouco simpática, eu sei. Esse é o dilema fundamental numa sociedade que prega a liberalidade, o "divirta-se", o "cada um na sua", como num pré-apocalipse. Mais grave ainda num momento em que a honradez de figuras públicas (que deveriam ser nossos guias e modelos) é quase uma extravagância. Pais bonzinhos são tão danosos quanto pais indiferentes: o amor não se compra com presentes, nem permitindo tudo, nem fingindo não saber ou não querendo saber, muito menos desviando o olhar quando ele devia estar vigilante. Quem ama cuida: velho princípio inegável, incontornável e imortal, tantas vezes violado.

Lya Luft é escritora

Antes da análise propriamente dita, convém salientar que o funcionalismo dialógico no gênero artigo de opinião se diferencia do gênero notícia (gênero polifônico), pela sua monofonia aparente, mas este, na verdade, é um texto permeado de dialogismo através das formas marcadas e não marcadas, estabelecendo a posição e os pontos de vistas do autor, bem como seu grau de aproximação ou distanciamento face aos interdiscursos presentes no artigo. É inegável, por sua vez, que a imagem social do autor confere credibilidade ao texto diante do leitor. Imagine-se, para o leitor, o paradoxo que seria ler um artigo que abordasse a ética na política, assinado por um político comprovadamente corrupto.

Assim sendo, fica evidente que a imagem do enunciador repercute diretamente sobre seu enunciado. E nesse aspecto, a vida e a obra de Lya Luft, autora do artigo de opinião ora em análise, a credenciam para escrever um dos gêneros básicos da imprensa.

Não se pretende aqui esgotar todas as possibilidades de leituras do texto, pois este não pode ter uma interpretação definitiva que descarte todas as outras possíveis interpretações, afinal, não há texto que possua (ou mesmo que venha a possuir) um sentido único.

O artigo de opinião de Lya Luft foi construído em primeira pessoa, trazendo já no título uma intertextualidade com o texto bíblico dos dez mandamentos, tratando-se de uma

intertextualidade não marcada tipograficamente, porém facilmente identificada, por ser um enunciado familiar a cristãos, judeus e muçulmanos.

Logo de início, a autora se posiciona de forma crítica e clara quanto às relações familiares, recordando a existência do sexto mandamento da Lei de Deus, presente no livro de Exôdo, capítulo 20 e versículo 12 (**Honrarás Pai e Mãe**), utilizando uma citação com aspas, marcando, assim, no texto, a presença de outro, mesmo sem a referência da obra ou do autor, o que Genette chamou de Intertextualidade restrita.

Lya Luft faz uso das aspas como forma de marcar uma voz que não é sua – ocorrendo, no texto, o primeiro caso de polifonia e demarcando assim um texto exterior ao seu discurso. Ao mesmo tempo em que ela cria uma representação do seu leitor, pressupondo que este é capaz de remeter à fonte primária, nesse caso, a Bíblia, ela também oferece de si mesma uma imagem ao leitor, de alguém não intencionada a se apropriar desse enunciado específico. Isto, provavelmente, se deu por ser um enunciado considerado de origem divina.

Percebe-se que a presença das aspas neste contexto vai além de uma marcação tipológica de uma segunda voz na formação discursiva da autora, como também é uma forma de reconhecer a autoridade contida neste mandamento.

No interior deste discurso, a presença das aspas dá início ao dialogismo Bakhtiniano, visto que há uma identificação explícita de um discurso prévio dialogando com o discurso da autora.

Ainda no primeiro parágrafo, a presença do vocativo **meus caros**, estabelece uma relação de aproximação com os leitores, conferindo ao texto a aparência de um diálogo face a face, o que pode também ser considerado como um procedimento argumentativo que visa tornar o leitor mais receptivo à ideia defendida pela autora do texto.

No terceiro parágrafo, o uso da expressão **quebrar a cara**, considerada um clichê, consiste em uma recorrência que remete a um enunciador genérico, impossível de ser identificado, e que já faz parte de um repertório linguístico comum ao povo brasileiro, constituindo, assim, uma intertextualidade implícita.

No quarto parágrafo, a autora deste artigo realiza simultaneamente dois tipos de intertextualidade: a própria, ao afirmar que já fizera a mesma citação em um artigo anterior a este (**Lembro a fase que já escrevi nesta coluna, do psicólogo que me revelou...**) e a alheia, ao citar as palavras de um psicólogo, cujo nome não foi declinado “**A maior parte dos jovens perturbados que atendo não tem casa pai e mãe, tem um gatão e uma gatinha**”. Evidentemente, esta inserção de outro locutor só é reconhecida como intertextualidade pelo fato de Lya Luft remeter a outro enunciador e também pelo recurso estilístico das aspas. Esta

segunda voz, por ser um psicólogo, reforça o pensamento da colunista, concedendo-lhe mais autoridade e mais confiabilidade ao seu discurso, ocorrendo, neste caso, um argumento por autoridade, que se trata da intertextualidade das semelhanças, correspondendo ao que Maingueneau (1997, p.102) chama **valor de captação**.

No quinto parágrafo há outra ocorrência de enunciador genérico indicado por aspas e que denotam um distanciamento da autora frente a estes enunciadores, com os quais ela não concorda: O **divirta-se** e o **cada um na sua**. A intertextualidade das diferenças é apresentada neste caso e, no dizer de Maingueneau (1997, p.102), aqui há um **valor de subversão**, posto que, ao fazer as referidas citações genéricas, o objetivo da articulista é desqualificá-las.

Ainda reportando ao quinto parágrafo, ao usar a expressão **pré-apocalipse**, vê-se a presença de outra intertextualidade na referência ao apocalipse, derivado do último livro da Bíblia - Apocalipse, que fala das tragédias finais da humanidade.

Outra intertextualidade localizável neste parágrafo é a expressão **quem ama cuida**, constituindo-se, neste caso, um tipo de intertextualidade das semelhanças, usado por Lya Luft para reforçar a sua argumentação. Neste intertexto há um trecho da música “Sozinho”, de Caetano Veloso.

Não há nada, aqui neste exemplo, que indique um caso de intertextualidade por referência, marca tipológica etc., somente o conhecimento de mundo permite inferenciá-la e resgatá-la.

Por tudo o que foi exposto acima, pode-se assegurar que não há textos “originais”, mas cada texto é o resultado de vários outros textos, que dialogam entre si e com o leitor, numa mistura de vozes que permitem a construção de sentido.

3 CONSIDERAÇÕES FINAIS

A análise do artigo de opinião de Lya Luft permite a constatação de que a dimensão dialógica dá origem à heterogeneidade discursiva recorrente em todo o texto e foi a razão desta análise.

A verificação das variadas vozes presentes neste artigo possibilitou uma interpretação textual. Destaca-se, portanto, que a interpretação deste artigo não seria possível sem o reconhecimento dos outros discursos que permeiam o citado artigo, comprovando, assim, que a fonte dos sentidos de um discurso é construída no discurso dito do enunciador com o discurso já dito de outros enunciadores.

Pode-se perceber que este artigo é de cunho moral e de grande alcance social, considerando-se que Lya Luft utiliza uma linguagem acessível a jovens e adultos, além de ser atemporal, pois trata de valores familiares milenares que se perpetuam ou pelo menos que devem ser.

A articulista lança mão de vários argumentos para validar sua autoridade diante do tema. Da religião à escola, do amor com liberdade ao amor com limite, tudo vale para se tentar conseguir uma convivência familiar harmônica e feliz.

Este artigo, referente à intertextualidade restrita de Genette, premia o leitor com uma diversidade de diálogos que, ora se encontram, ora se confrontam, ora se aproximam, ora se distanciam, evidenciando assim suas essências.

REFERÊNCIAS

BAKHTIN, Mikhail: **Estética da Criação Verbal**. São Paulo- SP: Martins Fontes Editora, 2000.

BARROS, Diana Luz Pessoa de e FIORIN, José Luiz: **Dialogismo, Polifonia, Intertextualidade: Em torno de Bakhtin**. São Paulo-SP: Editora Universidade de São Paulo, 2003

BAZERMAN, Charles. **Escrita, Gênero e Interação Social**. São Paulo-SP: Cortez, 2007.

_____, Charles. **Gênero, Agência e Escrita**. São Paulo-SP: Cortez, 2006.

KOCH, Ingedore G Villaça, BENTES, Anna Christina Bentes, CAVALCANTE, Mônica Magalhães: **Intertextualidade: Diálogos Possíveis**. São Paulo-SP: Cortez, 2008.

_____, Ingedore Villaça. **Introdução à Linguística Textual**, São Paulo-SP: Martins Fontes, 2004.

_____, Ingedore Villaça. **Ler e Compreender: os sentidos do texto**, São Paulo-SP: Contexto, 2007.

MAINGUENEAU, Dominique: **Novas tendências em análise do discurso**. São Paulo-SP: PONTES, 1997

VEJA. São Paulo: Ed. Abril, Ano 41, n. 23, 11 jun. 2008.